



---

ARTIGOS – ARTICLES

---

**Saberes e práticas médicas de um cirurgião ilustrado.  
Francisco Antônio de Sampaio e sua Vila de Cachoeira (BA),  
na segunda metade do século XVIII**

**André Nogueira**

Professor na Universidade Federal do Espírito Santo  
guazo08@gmail.com

Como citar este artigo: Nogueira, André. “Saberes e práticas médicas de um cirurgião ilustrado. Francisco Antônio de Sampaio e sua Vila de Cachoeira (BA), na segunda metade do século XVIII”. *Khronos, Revista de História da Ciência*, nº 8, pp. 104-127. 2019. Disponível em <<http://revistas.usp.br/khronos>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

**Resumo:** O presente artigo objetiva interpretar as práticas e conhecimentos médicos expostos pelo cirurgião Francisco Antônio de Sampaio nos tratados de História Natural que produziu e em seu diálogo com os homens de ciência da Academia de Ciências de Lisboa. Interessa-nos perceber de que maneiras suas curas, para nos valermos de um termo comum à época, foram descritas e qual era o universo material e de trocas de saberes e fazeres de que dispunha no espaço em que atuava. Destacamos nessa análise as teorias médicas que o cirurgião expunha em seus escritos científicos e uma assídua circulação e ressignificação de saberes e práticas efetuadas pelo “vulgo do país”, conforme escrevia – entre outras expressões – de modo lacônico para promover um apagamento (e, em geral) detração das terapêuticas desses grupos subalternos.

**Palavras-chave:** história da medicina; circulação de saberes; produção científica na Ilustração luso-brasileira; cirurgião Francisco Antônio de Sampaio.

*Medical knowledge and practices of an illustrated surgeon. Francisco Antonio de Sampaio and his Vila de Cachoeira (BA), in the second half of the 18<sup>th</sup> century*

**Abstract:** This article aims to interpret the medical practices and knowledge exposed by the surgeon Francisco Antônio de Sampaio in the natural history treaties that he produced and in his dialogue with the men of science of the Lisbon Academy of Sciences. We are interested in the ways in which his healings, to use a common term at the time, were described and what was the material universe and the exchange of knowledge and doings that he had in the space in which he worked. We highlight in this analysis the medical theories that the surgeon expounded in his scientific writings and an assiduous circulation and resignification of knowledge and practices made by the “vulgar of the country”, as he wrote - among other expressions – in a laconic way to promote an erasure (and, in general) detraction of the therapies of these subordinate groups.

**Keywords:** history of medicine; circulation of knowledge; scientific production in Portuguese-Brazilian illustration; surgeon Francisco Antônio de Sampaio

## **Introdução e caminhos de pesquisa**

A produção de saberes e práticas da Ilustração, em suas diferentes vertentes, acabaram por tributar ao conhecimento da natureza um fundamental veículo para a promoção de um estado de bem-estar social. Acreditava-se, à época, na possibilidade de se realizar, pela via da razão e do saber, determinadas utopias de abundância que marcaram na longa duração o pensamento europeu, tanto nos meios letrados como entre as camadas populares (Kury2001, p. 105-115)<sup>1</sup>. Um dos mais importantes desdobramentos desse impulso por conhecimento e intervenções no meio natural – para sua mais eficaz exploração – foi o desenvolvimento da botânica e, dentre as suas mais importantes aplicações estariam às práticas médicas, através da coleta, descrição e classificação de espécies vegetais, da criação dos jardins botânicos, das experiências para aclimação de espécies e variedades (Kury 2015, p. 228-290)<sup>2</sup>.

As expedições científicas eram igualmente atividades centrais para inventariamento e apropriação da natureza. Para tanto, perscrutava-se rios, matas, minas em busca de exemplares dos reinos animal, vegetal e mineral, sem contar com uma preocupação bastante flagrante com os costumes e o universo material dos mais diferentes povos. Portugal igualmente participa desse processo, organizando expedições pelo Reino e, especialmente, para suas colônias na África e na América, nomeadas “viagens filosóficas”, a promoverem uma pulsante circulação de pessoas, exemplares e artefatos e saberes nos mais diversos quadrantes dos espaços coloniais e dos reinos europeus (Walker 2013; Pataca 2006; Faria 2002; Domingues 2001; Brigola 2003; Pereira 2017; Conceição 2016). Para além dos naturalistas, cartógrafos, engenheiros, tiveram papel ativo nessas ações membros da administração colonial, a exemplo de ouvidores, juízes, capitães, governadores, muitos deles formados pela renovada Universidade de Coimbra, inseridos que estavam no serviço útil ao rei e compondo o quadro amplo dos homens de ciência do período em tela (Raminelli 2008). Aliás, nunca é demais lembramos, numa época em que inexistia a categoria profissional de cientista<sup>3</sup>.

Nesse ambiente de produção de saberes, produtos científicos e práticas é que se insere o indivíduo que se torna objeto central desse texto: um cirurgião luso de nome Francisco Antônio de Sampaio. Como será discutido, Sampaio tanto em seus tratados de História Natural, como nas cartas trocadas com os homens de ciências da Academia de Lisboa buscava mostrar-se atu-

---

<sup>1</sup> Igualmente, Hankins (2012, p. 2 e segs) considera o binômio “razão e natureza” centrais para o pensamento ilustrado.

<sup>2</sup> Sobre as ideias e práticas em torno da aclimação, conferir, entre outros autores Osborne (2001, p.135-151) e Harrison (2005, p. 56-63).

<sup>3</sup> Nesta perspectiva, logo nas primeiras páginas de seu belo e basilar ensaio, Maria Odila da Silva Dias chama atenção para o que considero em consonância com a autora, um dos aspectos mais fundamentais da produção de conhecimentos e práticas – que, em seu contexto de produção, a autora nomeou “mentalidade” – dos homens inseridos nas luzes: a despeito de um “prisma cosmopolita e universal”, seus estudos “refletem tão de perto a realidade brasileira” (Dias 2009[1968], p. 39 e segs)

alizado e conhecedor das teorias e procedimentos médicos que ganharam especial voga na segunda metade do século XVIII, mesmo não possuindo formação universitária. Acredito, entre outras razões, que assim procedia de forma estratégica e deliberada para melhor situar-se na “república das ciências” (BRET, 2008, p.263-279) das luzes lusas e dar maior credibilidade e possibilidades de aceitação de seus experimentos com as plantas e animais que curavam e suas descrições e classificações.

Interessará, igualmente, analisar de que maneiras suas curas, para nos valermos de um termo comum à época, foram descritas e qual era o universo material e de trocas de saberes e fazeres de que dispunha no espaço em que atuou; como dialogava, em seus escritos, com os livros que lera para balizar e legitimar sua formação médica e suas ações como curador e como buscava, em suas terapêuticas e escrita, se afirmar como médico, a despeito de ter sido desabonado e multado por exercício ilegal da medicina pela Junta do Protomedicato, conforme narrou em uma de suas cartas à Academia.

Outra hipótese de trabalho aqui desenvolvida diz respeito à circulação de saberes e fazeres envolvendo os grupos subalternos da Vila de Cachoeira, que a despeito de serem, mais tipicamente, mencionados na pena do cirurgião de modo genérico como “o vulgo”, pareciam desempenhar importante papel na localização, coleta, definição e manipulação dos exemplares da flora e da fauna local, ainda que nas páginas de seus tratados de História Natural muitas dessas conexões e trocas fosse apagadas e/ou detratadas em nome da seleção (e esquecimento) de parte desses saberes populares, do uso e da modelação do vocabulário e das práticas científicas aceitas e compartilhadas – a exemplo da taxonomia lineana, da valorização das teorias médicas adquiridas por meio da formação, do recebimento de licenças e da “continuada lição dos livros”, conforme narrou em uma de suas correspondências aos membros da academia de ciência reinol –, visando conferir maior aceitação de seus escritos. Ou, dito de outro modo, o cirurgião Sampaio afirmaria suas práticas e saberes médicos por meio de apagamentos e de uma desqualificação mais global das terapêuticas e conhecimentos sobre as plantas e os animais desses grupos populares.

Sampaio nasceu em Portugal, mas em 1748, ainda criança, veio para o Brasil, passando por temporadas mais breves pelas capitânicas do Rio de Janeiro e Espírito Santo e se fixando na Bahia (mais precisamente, na Vila de Cachoeira), onde escreve que a mais de duas décadas se dedicava às artes de curar e a “experimentos” envolvendo plantas e animais. Era autodidata. Segundo ele, seu “gênio naturalmente curioso” e uma “natural propensão ao estudo da medicina, cirurgia e farmácia, e fazendo neles o progresso que o país me pôde permitir, por meio de uma continuada lição dos livros [...] me determinei a fazer umas breves das mais notáveis produções em todos os três reinos”. Essas informações aparecem em correspondência de Sampaio endereçada à Academia das Ciências de Lisboa. Ao todo, há quatro cartas, entre 1783 e 1793<sup>4</sup>, nas quais

---

<sup>4</sup> ACL COD. 1944, Série Azul, p. 233, 282,402, 463. As cartas de Sampaio à Academia foram publicadas em Martins (2008).

se fica a par de acontecimentos relevantes quanto a sua atuação profissional e seus estudos sobre a natureza da região em que vivia.

O cirurgião de Cachoeira ofertou, pois, à Academia das Ciências de Lisboa dois tomos de seu *História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil, pertencentes à Medicina*, dentre outros produtos de seus esforços e experiências objetivando se colocar na República das ciências, ao menos no âmbito luso-brasileiro e angariar prestígio e reconhecimento. A Academia não se interessou em levar ao prelo os esforços científicos de Sampaio, sendo seu manuscrito publicado somente aproximados duzentos anos depois de ter sido escrito (Sampaio, 1969)<sup>5</sup>. Nas cartas enviadas para a Academia, por diversas vezes solicitou encorajamento de suas atividades, mas o reconhecimento oficial como sócio correspondente só ocorreu em 1798 (Conceição 2016, p.171).

Como referido acima, apesar de nas cartas endereçadas à Academia e em várias passagens de seus escritos Sampaio se intitular médico, alegando possuir uma licença vitalícia para curar de medicina expedida pelo Físico-Mor do Reino<sup>6</sup>, era, formalmente, cirurgião. Conseguiu a chancela no ano de 1762, comprovando, por certidão, ter “aprendido e praticado” a arte e sendo aprovado em exame por unanimidade (ANTT. Carta de Cirurgia Francisco Antonio Sampaio. CHR. D. José I, liv. 70, fl. 282V)<sup>7</sup>.

Nessa análise, não pretendo reduzir os saberes e a produção científica do nosso cirurgião de Cachoeira ao nível do “discurso”. Suas estratégias eram muito mais amplas e envolviam, no mesmo compasso, teorias e práticas. Aliás, é dessa forma que penso aqui a Ilustração: um conjunto de leituras, produção e circulação de saberes e ações, simultâneas e indissociáveis.

Assim, a investigação aqui proposta se aproxima das atuais questões de historiadores das ciências como S. Shapin (2013) e K. Raj (2010; 2013), que nos permitem indagar e conceber as ciências não são um corpo coerente e universalmente válido de axiomas e métodos que podem ser aplicados da mesma maneira em qualquer lugar e época. Campos do saber, a exemplo da medicina e da história natural, sobre os quais Sampaio se debruçou com maior afinco em seus estudos, coletas e produção de conhecimentos, se constituíam como um conjunto de temas e procedimentos em constante transformação, cujas fronteiras eram até certo ponto maleáveis. Deste modo, o “fazer ciência” depende de conhecimentos, gestos e linguagem que deviam ser adquiridos e constantemente testados e revalidados. Por exemplo, no caso da América portuguesa, a circulação de livros eruditos transformou práticas locais. Alguns práticos e amadores buscaram escrever e desenhar nos moldes lineanos. Do mesmo modo, os especialistas tinham que se aproximar dos conhecimentos locais para terem acesso a eles. As imagens de história natural também revelam fontes e práticas diversas.

---

<sup>5</sup> O que não significa que o texto e as imagens não tenham circulado, mesmo tendo permanecido manuscritos, realidade, aliás, usual no contexto estudado.

<sup>6</sup> Sampaio menciona a posse da tal licença em uma de suas cartas à Academia como estratégia para refutar a multa e o desabono de seus conhecimentos e práticas por parte do Protomedicato (Sampaio 2008, p.14).

<sup>7</sup> Agradecemos a Laurinda Abreu a generosa localização e transcrição da carta de cirurgião obtida por Sampaio.

Outro desdobramento da pesquisa é a consideração dos mecanismos de busca de “credibilidade” e “legitimidade”<sup>8</sup> desses saberes e fazeres num momento em que determinados campos estavam em processo inicial de institucionalização e profissionalização e a produção científica se imiscuía de modo indissociável às dinâmicas sociais e relações de poder próprias do Antigo Regime, a exemplo de concepções como “honra”, “visibilidade/credibilidade social”, privilégios e mercês concedidas pelas monarquias e seus agentes sob a forma de relações de mecenato e patronagem (Raminelli 2008; Biagioli 2006)<sup>9</sup>.

Assim, algumas questões podem ser delineadas com base nesse tipo de interpretação: que tipo de aval científico permitia que naturalistas no século das Luzes pudessem afirmar suas práticas e textos pela via do autodidatismo? O que poderiam apreender das leituras que os formavam? Como se dava, em sua produção, os entroncamentos entre o conhecimento livresco e as práticas locais de cura e de conhecimento da natureza? De que maneira tais conhecimentos poderiam ser institucionalmente aceitos e passavam a circular entre os pares e os demais atores da administração régia?

Em face dessas questões é que buscarei, a partir de agora, interpretar quais eram as práticas e saberes médicos que o cirurgião de Cachoeira buscava afirmar e validar em seu texto de História Natural e nas cartas que enviara à Academia, no intento de fazer aceito na república das ciências lusa.

### **O cirurgião Sampaio em suas teorias médicas e práticas de curar**

O momento em que Sampaio escreve acerca da flora e da fauna de Cachoeira e de suas aplicações medicinais (as últimas décadas do século XVIII) foram tempos de expressivas mudanças nos saberes médicos ocidentais. Esse novo repertório de conhecimentos e ações (também, igualmente, permeado por permanências)<sup>10</sup> é, no geral, lembrado pela literatura como paradigma médico ilustrado. Em suas poucas referências diretas à literatura utilizada e/ou em suas menções, algo lacônicas, às teorias médicas, não daria para dizer que o texto do cirurgião estava completamente alinhado com a vanguarda da medicina ilustrada. Contudo, há elementos de aproximação que devem ser levados em conta. O fato é que em seu texto de História Natural (e em suas práticas de curar), bem como nas cartas que remetera à Academia, Sampaio buscava,

---

<sup>8</sup> Para esse tipo de olhar nos inspiramos mais diretamente nas análises de Quinn (2012) e Schaffer (2018).

<sup>9</sup> Parte dessa discussão, que agora procuraremos aprofundar e apresentar novos vetores de análise já fora desenvolvida em trabalho anterior. A despeito das especificidades de olhares e temas, nossa abordagem sobre o cirurgião Sampaio converge, em alguns pontos, com as análises desenvolvidas por Conceição (2016; 2018).

<sup>10</sup> Para tais mudanças e permanências, entre outros autores, conferir: Abreu (2011); Porter (1999, p. 266 e segs.) e Marques (2004); Foucault (2004); Marques (2012: 91-139)

estrategicamente, se aproximar das teorias e explicações para as doenças e o funcionamento dos corpos daqueles que tinham formação universitária.

Assim, é possível identificar um misto proposital e recorrentemente exposto em suas linhas entre as teorias médicas e a experiência e conhecimento prático acerca das doenças, dos doentes e dos recursos materiais que tinha à sua disposição para remediar tais males. É nesse jogo de saberes e ações que Sampaio buscou dar credibilidade e legitimação à sua produção científica em face dos agentes e de como a Academia de Ciências de Lisboa, que, cada vez mais, juntamente com outros lugares de ciência e formação, a exemplo das universidades, passariam a escolher e validar (ou descredenciar) a produção desses homens de ciência tão diferentemente situados, em função de suas formações, cargos administrativos, relações de patronagem e aproximação com certos indivíduos, entre outras variáveis (Schaffer 2018).

“[...] O Juízo que eu neste acontecimento faço é, que pelo contato daquela casca foi o seu suco comunicado pelos poros absorventes da cútis às fibras do peritônio, as quais se achavam nimiamente relaxadas; e porque aquele suco goza de propriedade adstringente, e corroborante, e por ela foram recobradas as perdas de elasticidade, e a devida rigidez até chegarem a estado de poderem retamente exercer seu ministério (Sampaio 1969[1782], p.35).

[...] então, o ácido picante da erva do bicho desquagulando [sic.] o viscido daquelas mucosidades [imundas e viscosas matérias], destruindo-as, e corroborando as fibras musculares do esfíncter as faz recobrar a força elástica perdida, e em fim tornam ao seu prístino estado desvanecendo-se todos os sintomas que anunciavam próxima a morte do paciente (Ibidem p.63)”<sup>11</sup>.

Nos trechos acima referidos, ao narrar os eficazes “usos e virtudes” da flora da Bahia, sublinhando as curas por ele realizadas com o uso do jenipapo e da erva de bicho (que ganha o nome alusivo à doença que curaria de modo tão eficaz, o especialmente temido entre os cativos e seus donos “mal de bicho”), o cirurgião de Cachoeira dá mostras, de sua ambiência com uma discussão candente a partir das últimas décadas do século XVII e, sobremaneira, no curso do século XVIII: que os corpos seriam formados pelas “fibras” e suas diversas propriedades, como “elasticidade” sublinhada por Sampaio.

Em diferentes teorias médicas, concepções como “fibras”, “irritabilidade”, “contração”, “sensibilidade”, “elasticidade”, vão ganhando voga, tendo como um de seus precursores os anatomistas Giovanni Borelli (1608-1679) e Giorgio Baglivi (1668-1707), que forjou de modo mais bem delineado a concepção de “fibras musculares” (Porter e Vigarello 2010, p. 460 e segs.). Posteriormente, de acordo com Hankins (2012, p.124-125), o suíço Albrecht Von Haller (1707-1777) fora um dos principais e mais inquietos médicos e investigadores desse momento. Sendo discípulo – e talvez um dos maiores críticos – de Hermann Boerhaave (1668-1738), seu mestre em Leiden, seguiu à risca seu “novo método”. Nesse sentido, Haller deu novos matizes à teoria

---

<sup>11</sup> Para outro trecho análogo, conferir, Sampaio 1969([1782], p. 39).

das fibras e ao funcionamento dos corpos (lembrando que a Fisiologia era concebida como “anatomia animada”), a partir das noções de “irritabilidade” e “sensibilidade”, próprias das fibras e nervos (Knoeff 2010, p. 45-55; Russo 2010, 27-42; Porter 2004, p.90).

Em Portugal, o novo método de Boerhaave, bem como outros autores “modernos” como Newton, tiveram entrada a partir da obra do médico Henrique (ou Jacob) de Castro Sarmiento (1691-1762), que fugindo da Inquisição lusa, por conta de sua condição judaica, radicou-se em Londres onde passara o resto de sua vida, sendo inclusive membro da prestigiada *Royal Society*. Sua *Matéria Médica...* ganhou duas edições no século XVIII (1735 e 1758) e possuiu impacto nas críticas e renovações dos saberes médicos em Portugal, inclusivamente as reformas engendradas pelos novos estatutos da Universidade de Coimbra, ocorridas aproximados dez anos após sua morte. Cabe lembrar que outros médicos lusos que influenciaram com suas obras diretamente as reformas dos saberes médicos em Portugal seriam, igualmente, grandes entusiastas da divulgação das teorias médicas de Boerhaave e, em certos casos de seu discípulo Haller, a exemplo de Ribeiro Sanches, Verney, Francisco de Melo Franco, dentre outros (Pinto 2011, p.165-186; Abreu 2011, p. 50 e segs; Freitas 2017, p. 34 e segs)<sup>12</sup>.

Desse modo, em sua matéria médica, aliás, uma obra escrita para seus pares sem nenhuma pretensão de tornar-se acessível ao público comum e aos curiosos que se aventuravam a curar<sup>13</sup>, Sarmiento discorre sobre uma série de experiências por ele realizadas na *Royal Society* e de procedimentos experimentais retirados dos textos de Robert Boyle e Boerhaave. Em seu “Preface Histórico” tece uma série de considerações acerca da importância dos avanços nos estudos anatômicos, evidenciando as percepções do famoso médico de Leiden, de um corpo humano como uma “máquina hidráulica” feita de válvulas e fibras, com seus “sólidos e líquidos”. Daí, por exemplo, o médico cristão-novo, entre os vários trechos de seu tratado, sublinhar a importância do uso da água fria com propósitos terapêuticos, visando “contrair os sólidos” que formariam o corpo e curar a “relaxação das fibras” (Sarmiento 1758, p. 243)<sup>14</sup>. Aliás, em vocabulário bastante próximo daquele usado pelo cirurgião de Cachoeira em seu tratado de História Natural.

Quando consultamos as páginas de outros textos médicos que deram conta de descrever a “doença de bicho” em seus sinais/sintomas e atribuir suas causas e tratamentos, a exemplo do *Erário Mineral...* de Gomes Ferreira (1735) e do *Notícia do que é o achaque do bicho...* de Miguel Dias Pimenta (1707), encontramos diferentes considerações acerca dos corpos doentes. Gomes Ferreira qualifica como o principal sinal/sintoma do achaque o “relaxamento dos músculos da

---

<sup>12</sup> Embora essa discussão não seja interesse direto do texto aqui proposto, vale a pena sublinhar a crítica mais atual acerca do conceito de “estrangeirado” para a ilustração lusa. Para tal análise, conferir, entre outros, Freitas (2017).

<sup>13</sup> De acordo com Hélio Pinto: “A terminologia utilizada seria acessível apenas a quem possuísse conhecimento de química e medicina. Para além dos médicos, os cirurgiões, boticários e sangradores seriam as outras classes profissionais cujos membros estariam potencialmente interessados em ler a obra” (Pinto 2011, p. 166). Com essa estratégia de construção textual, Sarmiento contrapunha-se a atitude de médicos como Curvo Smedo, a quem criticava veementemente, por escreverem para difundir os procedimentos da medicina douta para audiências mais amplas.

<sup>14</sup> Conferir, igualmente, Sarmiento (1758, p. 221 e segs.).

região do sêso [ânus]” (Ferreira 2002[1735], p. 635), em texto que se aproxima muito dos escritos de Pimenta, principalmente no que versa sobre as descrições da doença – ainda que este último seja bem mais detalhista em relação aos “graus” que a mesma apresenta e suas possibilidades de ser ocasionada pela “degeneração” de outras doenças, crença, aliás, corrente entre os diferentes praticantes da medicina e sistemas no período estudado (Cunninghame e Williams, 1992) –, suas causas e, sobremaneira, as curas feitas à base de limões, banhos e, mais no caso de Ferreira, dos terríveis sacatrapos<sup>15</sup>.

Em suma, mesmo que de maneira lacônica, talvez, de fato, não possuísse tanto conhecimento teórico acerca do assunto para ter propriedade para discorrer mais longamente, Sampaio buscava se mostrar a par dessa nova concepção do corpo humano constituído por “fibras” e de suas “propriedades”, como a elasticidade e a contração, aproximando seus saberes e terapêuticas ao universo das teorias e sistemas médicos – como se dizia à época – dos professores de medicina que estudaram nas universidades e representavam o lado liberal e mais prestigiado das artes de curar. Assim, embora não cite textualmente a obra de Sarmiento ou de outros representantes da vanguarda médica da ilustração lusa em seu tratado de História Natural, não é implausível pensar que possa ter tido contato – direto ou indireto – com esses trabalhos, haja vista sua importância e visibilidade para as pretensões de reforma no ensino e nas práticas médicas em Portugal da segunda metade do século XVIII e as discussões acerca das “teorias das fibras” nos saberes médicos lusos<sup>16</sup>, conforme dito acima.

Ainda que não trate diretamente do caso de Sampaio, parte da documentação do Conselho Ultramarino nos dá pistas indiretas elucidativas acerca das possibilidades da circulação dos textos médicos na América portuguesa que, mais que provavelmente, coadunavam com a afirmação dos novos saberes e procedimentos em voga na segunda metade do setecentos. Um exemplo dessa realidade encontra-se num ofício datado de 1797 e remetido pelo governador da Bahia, D. Fernando José de Portugal, ao ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, no qual dá notícias do recebimento de “dois exemplares de um livrinho” – infelizmente, não diretamente referido – que a rainha mandara traduzir e imprimir para “curar e preservar o mal da Peste” e que faria “chegar ao conhecimento do público um remédio tão impressionante a conservação da humanidade”. A carta recebida com os tais “livrinhos” médicos continha, ainda, a ordem de que o governador tratasse de entregar “algumas cópias do mesmo livro aos professores de Medicina e cirurgia mais acreditados nessa Cidade”, ação que D. Fernando também dera notícias de que cumpriu devidamente (AHU. Castro e Almeida. doc. 17.551).

Além disso, de acordo com Freitas (2017, p. 38 e segs.) e Abreu (2007), tais mudanças nos saberes e práticas médicas em Portugal foram marcadas, igualmente, pela valorização do(s)

---

<sup>15</sup> Ferreira fazia seus sacatrapos a partir de “pílulas” que levavam sumo de limão, pimentas malaguetas, grãos de pólvoras e pedras de sal, a serem introduzidas ânus adentro e fechadas com um pano ou bucha (Ferreira 2002[1735]: 640).

<sup>16</sup> Para um interessante panorama mais amplo dessa abordagem, conferir Freitas (2017) e Abreu (2011).

experimentalismo(s). Faceta vista em vários trechos dos estatutos da Universidade de Coimbra e defendida por diferentes textos médicos coevos. Sampaio, em seu universo específico de formação, práticas e possibilidades de produção científica, quis mostrar em seus escritos *História Natural* e nas cartas que trocara com a academia reinol estar a par desses novos e prestigiados protocolos. Nesta perspectiva, podemos ler em diversos trechos menções ao uso desses “instrumentos modernos”, a exemplo do microscópio<sup>17</sup>, para conseguir observar o que os olhos não treinados e/ou que não fossem aumentados por meio da mediação desses artefatos científicos não seriam capazes de ver. Sem contar com seus recorrentes autoenaltcimentos em torno das experiências e saberes em primeira mão que possibilitavam a melhor descrição da fauna e flora de seu “país”, a Vila de Cachoeira, e seus usos medicinais e econômicos, corrigindo os textos médicos daqueles que escreveram sem ter acesso direto a coletas e observações dessa natureza e buscando o bem da República e o serviço útil ao rei, um dos maiores lugares comuns da ciência ilustrada. Faceta que será mais bem tratada adiante.

Outro aspecto de suas ações que se aproximavam dos procedimentos médicos que ganharam voga na segunda metade do século XVIII foi a crescente valorização das “anatomias”. Ou seja, dissecações daqueles que não resistiam às doenças. Para esse tipo de prática, os hospitais que tentavam garantir a “saúde dos povos” tanto nas metrópoles como nas colônias, adquiriram especial protagonismo na observação das enfermidades e oferta de corpos a serem abertos. Em certos casos, em alguns desses hospitais, imiscuíam-se práticas curativas e ações pedagógicas, sendo seus espaços e rotinas cada vez mais regradados e ocupados pelos representantes da medicina douda (Foucault 2004: 138 e segs; Weiner e Sauter 2003; Mandressi 2010, p.415 e segs.). É possível que o pequeno hospital de S. João de Deus de Cachoeira cumprisse, parcialmente, esse tipo de papel nas práticas e saberes médicos e cirúrgicos de Sampaio, fornecendo doentes, doenças e cadáveres para suas observações e quiçá dissecações. No mesmo compasso, no curso de seu tratado é possível observar uma série de comparações entre a anatomia humana e a de certas espécies de primatas, que pensamos também poder demarcar o interesse do cirurgião em se mostrar ambientado com dissecações e escalpelos<sup>18</sup>.

“O vulgo do Brasil crê por tradição antiga ser o caju um bom antivenéreo, virtude, que eu na verdade nunca o alcancei; mas antes sou testemunha ocular, de que seu abuso é gravemente prejudicial, porque (creio eu) excita tão gravemente a fermentação dos humores que dela resulta uma acrimonia tal, que brota em sarna, furúnculos, prurito, e semelhantes efeitos bem molestos e pertinazes”. (Sampaio 1969([1782], p. 37)

---

<sup>17</sup> Não é demais lembrar que o referido “microscópio” bem poderia ser um conjunto de lentes de aumento, como espécies de lupas, que eram frequentemente usadas nos estudos e taxonomia da flora (Nickelsen, 2006).

<sup>18</sup> Esses dois aspectos dos saberes e ações do cirurgião Sampaio foram desenvolvidos de modo mais consistente em artigo anterior,

“[...] É pois a raiz da jarrinha muito semelhante na virtude a da contra-erva: ela resiste à putrefação dos humores purificando a massa sanguinolenta, desquagando-lhe as crassas, e víscidas impuridades alheias da sua devida consistência: aplica-se em cozimentos antifebris, e cordiais (IBIDEM, p. 65)”<sup>19</sup>.

Como se pode notar, a partir da descrição dos usos medicinais de diferentes plantas que tinha à sua disposição, para além de dar mostras da atualização de seus conhecimentos e práticas médicas, com alusões ao recurso ao microscópio, a sugestão da realização de anatomias e sua aproximação com a “teoria das fibras” é perceptível, igualmente, no tratado de História Natural do cirurgião Sampaio o peso das teorias humorais hipocrático-galênicas que no contexto em que produz passaria por uma série de releituras<sup>20</sup>.

Expondo sucintamente, os corpos seriam regidos por quatro humores. Cada humor é associado a qualidades: quente, frio, úmido, seco. Assim, temos o sangue (quente/úmido); a fleuma (úmida/fria); a bile amarela ou cólera (quente/seca) e a bile negra (também conhecida como melancolia, o mais obscuro e perigoso dos humores, de qualidade fria e seca). A diferença entre a saúde e a doença era ocasionada pelo equilíbrio ou desequilíbrio dos quatro humores, que poderia ocorrer em virtude de ausências, excessos ou corrupções (definidas, a exemplo do texto de Sampaio, frequentemente em expressões como “putrefação”, “fermentação”, “coagulação”, dentre outras) dos mesmos. Além disso, a maior ou menor presença dos humores também definiria a conformação física e moral dos diferentes indivíduos. Sendo os considerados “sanguíneos”, por exemplo, pessoas de maior vigor físico e temperamento agitado. As teorias humorais atribuíam, ainda, indissociáveis relações entre o micro (o corpo) e o macrocosmo, sendo recorrentes explicações para as enfermidades vinculadas às estações do ano, diferentes topografias, passagens de cometas, etc. (Mossé 1995, p. 39-55; Porter e Vigarello 2010, p. 442-446). Assim, para reaver o equilíbrio dos humores e recobrar a saúde, com olhares e intervenções paciente a paciente, havia uma tendência de se lançar mão de terapêuticas excretoras, daí a frequência com que eram administrados purgas, sangrias e vomitórios.

Aliás, valendo-se, igualmente, da “teoria dos humores” que o cirurgião Sampaio divide sua classificação dos vegetais de maneira funcional, associando as plantas de que dá notícia aos efeitos terapêuticos nos corpos doentes, separando-as ao longo de sua obra em dozes categorias:

---

<sup>19</sup> Para outros trechos que marcam a presença das “teorias humorais” na escrita do cirurgião Sampaio, conferir as páginas 27, 41, 66, 69-70 e 85.

<sup>20</sup> Aqui concordo com a advertência de Palmira F da Costa: “É ainda frequente falar-se da persistência das ideias hipocráticas ou galênicas como se elas tivessem uma autonomia própria” (Costa 2011, p.19). Para uma discussão sobre as variações e leituras da “teoria humoral”, além de questões sobre autoria no *corpus hippocraticum*, conferir Nutton (1997, p.94-95).

“resolutivas”, “detergentes”, “incrassantes” (de uso interno), “adstringentes”, “purgantes e eméticas”, “desobstruentes”, “contravenenos e febrífugas”, “diaforéticas”, “antivenéreas”, “anticólicas”, “anti-espasmódicas”, e “refrigerantes e temperantes” (de uso externo)<sup>21</sup>.

Como acontecia em outras áreas da Europa, para muitos dos médicos lusos seria o momento de repensar a ideia de um corpo dividido em quatro humores e a “máxima” hipocrática da cura pela natureza, sobremaneira, com base em novas concepções de corpo promovidas pelos estudos anatômicos e pela fisiologia (Marques 2013, p. 215 e segs.; Freitas 2017, p.128-130; Abreu 2011, p. 69 e segs). Entretanto, não podemos perder de vista, que mesmo na reformada Universidade de Coimbra, essas novas concepções de corpo e doenças continuavam a coexistir intimamente com teorias médicas de bases humorais, sem contar com a permanência das terapêuticas diretamente a elas vinculadas, a exemplo das sangrias. Isso sem mencionar, como acima discutido, sua presença na pena dos cirurgiões que escreveram textos de conteúdo médico da América portuguesa na segunda metade do século XVIII, a exemplo do próprio Sampaio e de José Antônio Mendes em seu *Governo de mineiros...* (1770), dentre outros.

Seja como for, parte do legado hipocrático-galênico seria igualmente atualizado e revivido a partir das vertentes neo-hipocráticas. Assim, cada vez mais se afirmava no discurso e práticas médicas a “teoria dos miasmas”, com forte influência em um dos mais conhecidos tratados do médico “grego” *Dos ares, das águas e dos lugares*, no qual é estabelecida uma indissociável relação entre os fatores “internos” (noção hipocrática de dieta e hábitos) e “externos” (clima e ambiente, entendido também pelos neo-hipocráticos em sentido amplo: umidade, pressão atmosférica, topografia, influência dos astros, proximidade de pântanos e lagos...) para a explicação das doenças físicas e morais nos corpos humanos. Além disso, o neo-hipocratismo fora marcado pela influência do *sensualismo* de Condillac (1714-1780), que apregoava a primazia da observação e da experiência como mecanismo único para a aquisição do conhecimento, contrapondo-se às vertentes do conhecimento inato, herdadas do racionalismo cartesiano, o que decerto corroborava as pretensões mais “experimentais” no âmbito dos saberes e práticas médicas (Kury 1990,74-78; Bashford e Tracy2012).

Outra vertente importante dessas concepções neo-hipocráticas, mais visíveis nas últimas décadas do século XVIII, versa sobre as releituras da noção hipocrática de dieta<sup>22</sup> e suas basilares convergências e influências nos discursos e práticas higienistas e na ideia de “saúde dos povos”, que passaram a marcar tão assiduamente os textos médicos e as intervenções nos corpos e, posteriormente, nos espaços urbanos e nos “corpos sociais” à época em tela (Barreiros 2016, caps. 2 e 4).

---

<sup>21</sup> Esse “linguajar hipocrático-galênico”, para nos valermos dos termos do autor, também fora observado por Cergueira em suas análises sobre o cirurgião Sampaio. Ainda que o autor, por conta de suas escolhas interpretativas, não observe as nuances e variações dos saberes e teorias médicas em seu tratado de História Natural. Conferir Cergueira (2015; 2018)

<sup>22</sup> Não é demais lembrarmos que em determinados escritos do *corpus hippocraticum* as noções de hábitos e dieta encontram-se bastante imbricadas, dado que esta última não se remete exclusivamente à alimentação (*ingesta*), envolvendo também o trabalho, as atividades do corpo (“exercícios”), relações sexuais, etc (Jordano e Porter 1997, 136; Cairus 2005, 93)

Uma impressão bastante informada pelas vertentes neo-hipocráticas e pela consideração da noção de dieta e de conformação dos corpos e temperamentos, sob a inspiração dos escritos atribuídos ao médico “grego”, pode ser percebida nos relatos de José da Silva Lisboa, sendo um dos pupilos de Vandelli que, posteriormente, faria parte da burocracia ilustrada na América portuguesa, como ouvidor da comarca de Ilhéus. Ao escrever uma carta ao seu antigo mestre, o futuro visconde de Cairu faz um interessante relato da natureza da Bahia, cujo “clima” para ele era “geralmente bom e sadio”. Entretanto, não deixando de observar certos revezes provocados por sua natureza na “constituição” de sua gente e de suas “fibras” – novamente elas. Conta-nos o bacharel coimbrão, que o calor era responsável pela configuração de uma “gente de constituição débil, de uma fibra encravada [sic.] e de ordinário de cor adusta”. Arrematando que a atmosfera da Capitania “poucas vezes era despojada de vapores”, o que provocava a “evaporação das águas” e a ocorrência de moléstias (AHU. Castro e Almeida. doc. 10.907).

Aproximados três anos antes da carta enviada ao naturalista italiano, o arcebispo D. Joaquim Borges de Figuerôa solicita à rainha a graça de se isentar de seu ofício religioso, fazendo, aliás, uma descrição bem menos lisonjeira da natureza da Bahia:

“[...] a minha saúde no espaço dos quatro anos da minha residência nesta Cidade da Bahia para cujo arcebisado fui mandado no ano de [17]73 causada pelo intensíssimo ardor deste clima não me dá esperança de conservar-me nele sem perigo próximo de minha vida, visto que depois de suas doenças perigosas padeço continuadas indisposições da cabeça que não cedem aos remédios aplicados” (AHU. Castro e Almeida. doc. 9719).

De modo análogo, cirurgião Sampaio parecia compartilhar das impressões acima tecidas pelo ouvidor e pelo clérigo acerca de como o ambiente “tórrido” das Américas e, mais especificamente, da capitania da Bahia, minava a saúde de seus habitantes. Nesse sentido, ao argumentar acerca das “causas gerais” do recorrente mau do bicho, sublinha o “nímio calor que nos corpos infundem o clima americano” (Sampaio 1969[1782], p. 63).

O tom que Sampaio deu à classificação dos exemplares da fauna e da flora de seu “país”, a Vila de Cachoeira, foi o da valorização de sua eficácia terapêutica e das potencialidades de conhecimentos e usos para a Coroa, complementando a produção de seu tratado com outros produtos científicos – como eram considerados à época – ofertados à Academia, devidamente narrados em suas cartas, a exemplo das armas da academia esculpidas “em uma pedra brasileiro”, com a promessa de que daria a devida notícia de “suas qualidades” quando escrevesse o tomo dos minerais (que não se sabe se chegou a escrever) e um mapa da Vila com vista do porto de S. Felix, no qual constariam também informações populacionais, dentro outros. Aliás, em certos momentos o teor de seu tratado chega a ser laudatório, ao singularizar as propriedades de certas plantas e animais. Nesse sentido, são descritos os efeitos da jarrinha, usada externamente através do cozimento de suas folhas e talos em banhos para os mais diversos “tumores”, como

“um dos mais profícuos resolutivos que se acha no reino vegetal”, ressaltando, ainda, sua preferência “aos que nos conduzem de países estrangeiros” (Ibidem, p.11).

Em construção textual próxima, ao começar a discorrer sobre os vegetais com propriedades adstringentes<sup>23</sup>, o cirurgião de Cachoeira retoma sua ode à natureza da América lusa, afirmando que os campos e matas do Brasil seriam tão “fertilizados” de vegetais para esse fim medicinal que se “faria impossível querer descrevê-los a todos” (Ibidem, p. 31).

Como os vegetais, os animais também poderiam ser usados na produção de mezinhas com grande sucesso. Ao descrever o teiú (um tipo de lagarto bastante comum na fauna brasileira), o cirurgião de Cachoeira afirma não ter visto nenhuma descrição próxima na obra de Lineu<sup>24</sup>, prosseguindo com uma descrição do animal que em muito transcende uma abordagem meramente morfológica, narrando ter sido testemunha ocular de uma de suas “formidáveis pendências com as cobras”. Mais precisamente sobre seus usos medicinais, novamente, o cirurgião valoriza a utilidade da natureza que lhe servia, a um só tempo, de espaço para suas “experiências” e principal repositório de seus recursos médicos, não se esquecendo de sublinhar detalhes que apenas quem possuía uma relação tão próxima com o que classificava e utilizava seria capaz de captar:

“Algumas pessoas de humilde condição comem a carne desse lagarto. Eu por engano, ou falta de conhecimento já em certa ocasião a comi, e na verdade a achei bem saborosa, se não pelos temperos, com que estava guisada, fosse pelo que fosse eu gostei dela. A virtude medicinal que contém, é na banha, cujas partículas são tão sutis, e penetrantes, que chegam a passar pelos poros de um frasquinho de vidro. Não pareça hipóbole, porque a experiência mais de uma vez mo tem mostrado. Vista essa sutileza, bem se mostra a sua utilidade para o uso em fomentações na precisão de emolientes” (Ibidem, T. II, p. 52).

Como já sublinhado em estudo anterior, seria valorizando um tipo de experiência e conhecimento adquiridos em primeira mão que Sampaio narra, minuciosamente, em seu tratado de história natural suas práticas de campo, caçando e dissecando animais, fazendo variados experimentos com o que tinha à sua disposição, produzindo e aplicando mezinhas – tanto internas como externas – diretamente em seus pacientes e sendo desafiado pelas especificidades da natureza e das doenças de seu “país”. Neste contexto, construções como “mas antes sou testemunha ocular” (conferir citação acima); “a experiência tem mostrado” (Sampaio [1782] 1969, p.62); “eu, porém tendo pelos anos de minha prática usado dela [uma planta de nome orelha de onça] muitas e remetidas vezes [...]” (Ibidem, p.76), “eu com o original à vista observo” (Ibidem, p.88), são

---

<sup>23</sup> Medicamento que provoca constrição, aperto, pressão (Ferreira 2002, p.772). Daí a ideia geral de que tais medicamentos seriam úteis para “unir os poros”.

<sup>24</sup> No Tomo II de seu tratado de História Natural, é nítido o esforço de Sampaio em descrever os animais com base na abertura de seus corpos lastreado pela taxonomia lineana. Os órgãos e membros descritos de cada espécie ou grupo eram escolhidos a partir de critérios adotados por Lineu para a separação dos táxons, o que demonstra que o cirurgião de Cachoeira teve acesso a algum livro naturalista sueco para sua instrução conceitual em história natural, provavelmente o *Systema naturae* em edição anterior à décima, de 1748, que é quando Lineu introduziu a categoria de *mammalia*, em substituição à de *quadrupedia*, utilizada por Sampaio (Schiebinger, 1993, p. 382-411)

encontradas incontáveis vezes em seu texto. Entretanto, não se pode perder de vista que esse tipo de atitude de autocongratulação no sucesso empreendido no tratamento dos pacientes e de afirmação de seus saberes e terapêuticas se fazem presentes como verdadeiros “lugares comuns” nos diferentes textos produzidos por médicos e cirurgiões no curso do período estudado, a corroborar – e servir como argumento de autoridade e afirmação – os conhecimentos e práticas dos diferentes representantes da medicina douta em suas observações e intervenções nos corpos doentes (Viotti 2017, p. 43-44; Furtado 2005; Wissenbach 2009; Nogueira 2012; Porter 1999, p.380 e segs; Pickstone 2001).

Outro aspecto a ser ressaltado das práticas médicas do cirurgião de Cachoeira e de sua relação com as plantas e animais que classifica e atribui funções terapêuticas em sua produção científica é o seu contato com os habitantes locais, que, no geral, aparecem em seus tratados em termos fugidios e generalizantes como “o vulgo”, “os paisanos”, “os rústicos desse país”, etc.

À primeira vista, percebemos uma iniciativa deliberada de promover uma ação dupla de apagamento e/ou desabono das práticas e conhecimentos terapêuticos dos grupos subalternos da Vila de Cachoeira<sup>25</sup>. Assim, como pode ser lido na citação acima, acerca dos usos do caju como um eficaz antivenéreo, há a lembrança que o “vulgo do Brasil por tradição antiga” se valia frequentemente de seu recurso, “virtude” que o cirurgião afirma “nunca ter alcançado” com suas observações e experiências. Em outra altura de seu tratado, ao descrever o cipó de chumbo de minas Sampaio, confronta seus saberes e práticas com um vulgo que atribuí à planta “quase infinitas virtudes [...] querem que com sua aplicação se cure todo o gênero de feridas assim externa como internas”, mencionando ainda que o “vulgo” utilizava seu cozimento especialmente no caso de lesões provocadas por armas de fogo, sendo o nome cipó de chumbo, inclusive, proveniente dessa atribuição. Além disso, “os nacionais” ainda aplicavam o profícuo cipó para casos de gonorreias, tosses, fluxos de sangue, dentre outras enfermidades. O cirurgião de Cachoeira, entretanto, se afasta de boa parte desses usos, advertindo, ironicamente, que “nunca colhi aquela prodigiosa utilidade a que os nacionais me querem persuadir”. Arrematando que se valia desse simples da terra apenas como “brando incrassante dos humores nimamente líquidos”, usando o tal cipó como mais uma de suas mezinhas internas, na forma de cozimento, para os casos de diarreias, hemoptises e outras hemorragias (Ibidem 1969[1782], p.27-28).

Contudo, é quando nos apresenta os “usos e virtudes” do urucum que a vontade de distanciamento entre as práticas e os saberes de um cirurgião chancelado e possuidor de licença

---

<sup>25</sup> Ainda que o tom geral seja, sem dúvidas, o da detração das práticas “do vulgo”, que, decerto, incluiria curadores não licenciados, há, ainda que em poucos momentos, na obra de Sampaio alguma escrita de validação desses saberes. Quando trata, por exemplo, da “massa da mandioca” como um dos “mais poderosos detergentes que no reino vegetal se tem descoberto” (uma vez mais o tom hiperbólico e de valorização da natureza da América portuguesa), o cirurgião atribui tal descoberta e uso “a sagaz inquirição dos curiosos desse país” (Sampaio 1969[1782], p.20-21)

para “curar de toda medicina” e os “rústicos” ficaria mais bem marcada. Preferindo aqui os termos de Sampaio:

“Somente as frutinhas ou bagos chamado urucum sei que tenham [sic.] virtude medicinal, e ainda poucos curiosos têm notícia, e julgo que nenhum professor. Pelos sertões por onde eu andei, as vi aplicar felizmente ainda que sem método, porque, enfim, são curiosos sem princípios nem lições dos homens, que por aquelas agrestes regiões curam (Ibidem, p. 29-30)”<sup>26</sup>.

Resumindo, Sampaio frisava em sua escrita a existência de um fosso entre suas práticas terapêuticas e saberes médicos e aquelas engendradas “pelo vulgo”, pelo fato desses “rústicos” não possuírem conhecimento teórico e formação por meio dos “princípios e lições dos homens”, e, por isso, curarem “sem método”, como “curiosos”. Conforme sublinhei acima, na construção de seu tratado de História Natural, bem como nas cartas que trocava com os homens de ciência da Academia, ao classificar a flora e a fauna de Cachoeira e evidenciar suas aplicações medicinais, é perceptível sua intencional aproximação com o universo dos livros, das teorias médicas e dos protocolos científicos em voga na segunda metade do século XVIII. Sem contar a menção à posse de licenças para curar e sua atuação em espaços oficiais como o hospital e a câmara. Assim, Sampaio se via (e, mais que provavelmente, era visto e reconhecido, em seu espaço de atuação) como médico, buscando afastar-se dos conhecimentos e práticas de curar dos demais habitantes e eventuais curadores não licenciados e, sobremaneira, autorizando-se a fazer “experimentos” com os animais e plantas locais na produção e aplicação de remédios internos, aliás, prerrogativa exclusiva dos físicos que estudaram medicina nas universidades<sup>27</sup>.

Nesse aspecto, concordamos com as análises de Ana C. Viotti, quando afirma que na América portuguesa, aliás, realidade em nada diferente do Velho Mundo, os físicos e cirurgiões ao escreverem seus textos médicos acabavam por desabonar os procedimentos curativos dos indivíduos não licenciados, detratados em suas páginas como “rústicos”, “bruxas”, “curandeiros”, “saludadores”, dentre outras expressões<sup>28</sup>. A crítica mais recorrente, conforme notado pela autora, era a da “empíria cega”. Nesse sentido, Viotti observa que logo um dos primeiros tratados médicos da Colônia, escrito pelo licenciado Simão Pinheiro Mourão no século XVII, já há a advertência de que “a experiência sem ciência é errada, incerta e cheia de perigos” (Apud Viotti 2017, p. 24-35). Certa de cem anos depois, o cirurgião José Antônio Mendes, ao escrever seu

---

<sup>26</sup> De fato, construções textuais análogas são bastante recorrentes no curso de seu *História do Reino...*, para mais percepções nesse sentido, além de outras, conferir as páginas 55, 61, 67, no tomo dos vegetais e p. 23, 54 e 68, acerca dos animais.

<sup>27</sup> Vários autores têm chamado atenção para como no universo colonial as rígidas hierarquias entre médicos (físicos ou também chamados professores), cirurgiões, boticários e sangradores acabavam se tornando nebulosas, com um sem número de indivíduos burlando as fronteiras formais de seu ofício. Entre outros, conferir Furtado (2005), Ribeiro (1997; 2005).

<sup>28</sup> Conforme sublinhei em estudo anterior, é sintomático no texto médico de Brás Luis de Abreu, por exemplo, sua proposital definição de “médicos feiticeiros”, abarcando tanto as bruxas e bruxos que causavam toda sorte de maléficis como os curadores não licenciados, nomeados ao longo de seu trabalho também como “mezinheiros” e “benzedores”

*Governo de Mineiros...* (1770), daria o mesmo tipo de recado, ao afirmar que “as ciências sem regras, ou preceitos, são como armas nas mãos de meninos (Mendes 1770, p.XII). Estratégia de legitimação de saberes e práticas igualmente observada nas páginas do tratado de História Natural do cirurgião Sampaio, conforme visto acima.

Por outro lado, para além das chancelas e do conhecimento teórico, oriundo da “continuada lição dos livros”, parecia contar conhecer em primeira mão o universo colonial, com suas plantas, animais e doenças próprias. Nesse sentido, é igualmente perceptível a vontade de valorizar e conferir credibilidade à sua prática de campo e coleta, na busca, descrição e catalogação de espécies que julgava “nenhum professor conhecer”, bem como suas ações como curador, a partir da crítica e revisão dos olhares de outros textos médicos e farmacopeias produzidas no Reino. Nesse sentido, em uma de suas cartas remetidas à Academia, esse tom de valorização das especificidades locais era, estrategicamente, evidenciado:

[...] observando o quanto pode a minha exaço as suas diferentes naturezas, formações, espécies, vegetações e o diverso mecanismo com que cada uma delas opera no corpo humano, seus diferentes efeitos; e, reconhecendo os enormes erros com que destas mesmas produções têm escrito muitos autores, já alterando as suas substâncias e configurações, já acrescentando ou diminuindo as suas virtudes, talvez por imperícia dos observadores ou credulidade nas tradições [...]” (Sampaio 2008, p. 11).

Nesse sentido, em seu *História dos reinos...* vemos algumas “advertências” nas quais o cirurgião de Cachoeira refutava e corrigia outros textos médicos publicados em Portugal. Ao tratar, por exemplo, das batatas e suas qualidades eméticas e purgantes, dessa maneira o cirurgião de Cachoeira afirma seus saberes e práticas:

“Manoel Rodrigues Coelho na sua Farmacopéia Tubalense diz que as batatas do Brasil, chamadas por outro nome inhames são umas raízes grossas [...] e que as brancas se costumam secar em talhadas, e reduzir a pó, com o que se purgam os habitantes e suas terras: está proposição é totalmente falsa” [...] (Ibidem 1969[1782], p. 40-41).

Em outro trecho, seria a hora de refutar a falta de ambiência com a flora brasílica por parte do droguista francês Pierre (“Pedro”) Pomet (1658-1699), acessado indiretamente através da *Farmacopeia Tubalense...* de Manoel Rodrigues Coelho, discordando da existência de duas espécies de contraerva. Ao proceder “indagações” aos “habitantes mais antigos, e curiosos mais experimentados”, Sampaio conclui que a Pomet faltaria “o conhecimento desta planta”, afirmando, dessa forma, sua intimidade com a natureza local e as muitas curas realizadas por décadas de atuação.

Resumindo, para Sampaio, as teorias médicas e as “lições dos livros” deveriam estar associadas organicamente à experiência prática da lida com os doentes, as doenças e as plantas e

animais locais que curavam. Um conhecimento em primeira mão, adquirido por décadas de coletas, reconhecimentos e classificações e produção de mezinhas. Acredito ser possível presumir que ao ofertar seu tratado de História Natural esperasse ter reconhecido como útil seus esforços científicos, almejando, quiçá, publicar seu trabalho e melhor situar-se na república das ciências lusa.

Ainda que em sua escrita buscasse afastar-se do “vulgo” com sua “empíria cega” e curas “sem método”, quando olhamos mais atentamente a exposição de seus saberes e práticas terapêuticas, percebemos que o cirurgião Sampaio, decerto, aprendeu bastante com aquelas pessoas que não tinham licença para curar e demais grupos subalternos em seu espaço de atuação, sem contar com uma mais que provável circulação material que tais contatos igualmente engendraram, além de seus complexos mecanismos de circulação e ressignificação de saberes e fazeres<sup>29</sup>. Como dito acima, o tom do cirurgião para definir essas pessoas que coexistiam com ele na Vila de Cachoeira era o mais lacônico. Contudo, me parece lícito pensar, em consonância com os olhares de T. Walker (2016), que boa parte desses saberes poderia ser proveniente – ainda que indiretamente – das populações nativas locais, africanos e afrodescendentes que sofreriam posteriores adequações, ressignificações, apagamentos, a partir dos parâmetros científicos vigentes – a exemplo da taxonomia lineana, das teorias médicas, de determinados protocolos experimentais, dentro outros<sup>30</sup> – a propósito de traduzir e adequar os conhecimentos e práticas do “vulgo” que interessavam para um discurso científico que se encontrava em vias de legitimação, universalização e padronização/especialização nas últimas décadas do século XVIII.

Assim, um primeiro elemento que chama atenção é a quantidade de vegetais que afirma ser cultivada e “crescer pelas hortas”. Ao descrever a bucha de paulista, nos fala que “esta planta é silvestre”, mas que no “tempo presente”, já se achava devidamente domesticada, pois “os seus bons efeitos a tem atraído para os cercados, e roças, aonde [sic.] aqueles habitantes a semeiam, e conservam para as suas necessidades”. Em outra altura do tratado, o cirurgião também menciona que a erva babosa, por ele utilizada “assada”, tirando-lhe a casca e aplicando diretamente a polpa em apostemas, como “bom resolutivo”, poderia ser encontrada criada “em hortas e cercados, umas vezes com cultura, outras vezes sem”. Do mesmo modo, as malvas do campo que aproxima, por similitude e forma, ao malvaíscio de Portugal, também poderiam ser encontradas “dentro das povoações”, ainda que fosse igualmente “frequente pelos campos”. Sampaio a utilizava como “resolutivo”<sup>31</sup>, aplicando-a diretamente “na parte lesa” em banhos, depois de cozinhar

---

<sup>29</sup> Para além das análises dos processos de negociações, relações de força e circulação de conhecimentos e práticas de diferentes agentes coloniais desenvolvidas por K. Raj e sua problematização da produção científica a partir de uma via de mão única “centro/periferia”, igualmente me inspirou as considerações de C. Ginzburg (1990, 1998) em relação aos processos de circularidade cultural e possibilidades de (re)interpretação e intervenção nas realidades sociais e cognitivas por meio dos contatos – que inclusive envolviam direta ou indiretamente o universo dos livros e das leituras – entre a “alta” e a “baixa” cultura na Europa moderna.

<sup>30</sup> Isso para não mencionar um ainda mais radical deslocamento nesses encontros, apropriações e esquecimentos de saberes e fazeres: o das palavras e práticas faladas para as palavras e práticas escritas, como nos lembra Ginzburg (1998).

<sup>31</sup> Usados, fundamentalmente para tratar (“recolher” / “resolver”) tutores e inflamações.

suas “folhas e talos” (Sampaio 1969[1782], pp. 46, 17 e 15). Em suma, a aquisição de tais vegetais para a produção de suas mezinhas e a realização de experimentos para a checagem das qualidades medicinais dessas espécies pressupõe que em muitas ocasiões teria tido acesso aos simples da terra a partir de relações de colaboração e sociabilidade com a população local, valendo-se de suas “hortas” e “quintais” como fonte material para suas receitas.

Em um dos raros trechos de sua obra em que descreve as terapêuticas de um curandeiro “do vulgo”, a aparentemente corriqueira circulação de produtos, práticas e saberes que envolviam os diferentes agentes coloniais se faz notar de maneira a mais direta na pena do cirurgião da Vila de Cachoeira. Embora, igualmente, não deixe de diferenciar sua explicação e racionalidade das “superstições do vulgo ignorante”. Assim nos fala Sampaio:

“[...] Foi muito do meu conhecimento um homem chamado Sebastião Gomes, natural desta Vila da Cachoeira e nela muitos anos existente, que felizmente curava a todos os mordidos de cobras que se lhe ofereciam como único uso de lhes atar uma fita acima da parte mordida, e todos saravam como eu presenciei muitas vezes, então o vulgo ignorante atribuía esse acontecimento à superstição diabólica”.

“[...] Toma-se a raiz do dandá; tritura-se na boca com os dentes, e bem saturada a saliva das sutilíssimas partículas dela pela agitação que se lhe deve dar, fica uma e outra transformada em forma de massa: então se passa a fita (de qualquer qualidade dela) pela boca de sorte que receba entre as suas fibras e poros suficiente qualidade daquela massa; se deixa secar a sombra, e se guarda para se usar quando houver necessidade com a certeza que conserva a eficácia da sua virtude enquanto a fita se conserva (Ibidem 1969[1782], p. 61)”.

Passagem ainda mais enfática em descortinar tais aproximações e trocas fora sublinhada acima, quando Sampaio, para refutar as observações de Pomet de que existiam duas espécies de contraerva, teria escrito que recorrera “a indagação que me foi possível pelos habitantes mais antigos, e curiosos mais experimentados”, não encontrando – a despeito da opinião de um desses indivíduos do “vulgo” que julgou “faltar conhecimento” acerca da planta – senão uma única espécie da planta transformada em fármaco. Assim, nesse trecho, talvez por descuido em apagar seu caminho para acessar os “usos e virtudes” da natureza da Vila Cachoeira, nosso cirurgião nos deixou um interessante rastro de seu *modus operandi* para o reconhecimento, seleção e uso da fauna e flora que buscava inventariar nos padrões e termos da medicina e da História Natural.

A literatura, nos últimos anos, tem chamado atenção para a forma com que diferentes indivíduos ligados à medicina oficial – especialmente boticários e cirurgiões – aproximavam-se de curadores não licenciados no que tange tanto à percepção das doenças como às escolhas de determinados fármacos e terapêuticas, sem contar com algumas indicações, a partir do material empírico interpretado, de vivências e interações mais diretas entre tais agentes, a exemplo de cirurgiões que treinavam seus escravos e aprendiam com eles práticas curativas. Assim, essa situação acarretava variadas formas de circulações de conhecimentos, escolhas e contatos – ora

litigiosos, ora colaborativos – entre a medicina douta e os saberes populares (Furtado 2005; Almeida 2010; Figueiredo 2002; Ribeiro 1997; Nogueira 2016). Sem contar com as práticas médicas e a produção de fármacos dos indivíduos ligados às ordens religiosas, destacadamente os padres jesuítas, que igualmente curavam, produziam mezinhas e textos médicos (Fleck 2015; Leite 2016).

Realidade que nos parece também aplicável às curas e saberes do cirurgião Sampaio, aliás, bem mais próximos dos conhecimentos e recursos do “vulgo” que seu texto, em âmbito geral, pretendia explicitar. Assim, as terapêuticas populares foram reinterpretadas e transformadas em “outra coisa”, no *História dos reinos...*, com base também no que seu autor lia – e/ou conhecia através da oralidade e da troca com outros agentes coloniais – e executava mediante protocolos científicos que poderiam tornar seus experimentos e escrita mais diretamente aceitos pelas academias e prelos reinóis, a exemplo da taxonomia lineana, do uso de “instrumentos modernos” como o microscópio e dos corpos humanos formados por “fibras”.

### Considerações finais

Em consonância com os olhares de Raj (2010; 2013), cremos ser possível perceber a partir da produção e práticas científicas de indivíduos como o cirurgião Antônio Francisco de Sampaio os intercâmbios e circulações de diferentes tipos de saberes (e fazeres) e como tais produziam uma ciência fora dos centros europeus, mediante condições específicas, a exemplo do acesso aos livros e a leitura e das práticas de curar engendradas em ambiente colonial, muitas vezes permeadas por aprendizados e trocas cognitivas e materiais com os indivíduos que se tentava “apagar” ou detratar nas páginas desses textos científicos, a exemplo de curadores não licenciados, populações indígenas e do “vulgo” em geral.

Nessa perspectiva, teorias e práticas, conhecimentos sobre plantas que curavam e ciência botânica, ganhavam novos significados e dinâmicas, nos convidando a repensar as percepções de mero mimetismo e reprodução mal-acabada da ciência dos centros, com suas metodologias e racionalidades, supostamente, universais e autodeterminadas. Assim, e ainda seguindo de perto os argumentos de Raj, a produção científica, para além de seus complexos processos de circulação e transculturação, estaria igualmente vinculada a relações de força, hierarquias entre diferentes agentes e lugares bem como, como nos lembra Schaffer (2018), instituições e/ou grupos que garantiriam sua “legitimidade” e “credibilidade”, homogeneizando práticas, forjando critérios de validação para essa produção/circulação de produtos científicos, estabelecendo “lugares de fala”, como seriam os homens de ciências vinculados à Academia de Ciências de Lisboa para os quais o cirurgião de Cachoeira remetia suas cartas, textos e demais produtos científicos, além de pedir-lhes proteção e patrocínio.

No caso aqui estudado, o cirurgião da Vila de Cachoeira se via (e, provavelmente, era visto e reconhecido) como médico em seu espaço de atuação, ao mesmo tempo em que buscou se inserir na república das ciências das luzes lusas, por meio da descrição, classificação e experimentos terapêuticos com plantas e animais locais, fora enredado em, pelo menos, duas multas por extrapolar suas atribuições como terapeuta<sup>32</sup>. Assim, no julgamento dos membros do Protomedicato, o fato de não possuir diploma universitário de medicina, o impedia formalmente de “fabricar remédios e curar de medicina”<sup>33</sup>. Sentindo-se injustiçado, por possuir “uma licença vitalícia concedida por Sua Majestade Fidelíssima e assinada pelo altíssimo Físico-mor com selo da Chancelaria”, e por ter tido “a honra de ser nomeado na lista dos correspondentes dessa Real Academia médico na Vila de Cachoeira” (SAMPAIO, 2008, p. 14), Sampaio tentara se escudar, ao que parece em vão, em seus – não muito fortes – laços e trocas com a Academia reinol. Parece-nos plausível supor, a partir do teor das cartas, que tão ruim quanto o prejuízo financeiro, causado pelas sanções e multas, seria o “rebaixamento” e desqualificação que sofrera pela polícia médica metropolitana.

Seja como for, o que se observa é uma produção científica marcada por características híbridas. No mesmo compasso que tentava se atualizar e mostrar-se afinado com certas teorias e protocolos científicos e médicos que ganham especial voga na segunda metade do século XVIII, a exemplo de um corpo formado por “fibras”, o uso do microscópio, a possível realização de dissecações no hospital em que atuava, o contato com livros médicos e suas teorias... Em outros momentos de seu texto, deparamo-nos com as longevas “teorias humorais”, além da aproximação de suas considerações e procedimentos terapêuticos com textos e práticas que possuíam parâmetros científicos distintos daqueles valorizados na época da reforma da Universidade de Coimbra e pela recém-fundada Academia de Ciências de Lisboa.

Enfim, nos dois tomos do *História dos reinos...* e nas cartas trocadas com os membros da Academia temos, a partir do caso do cirurgião Sampaio, mais um fragmento de como se dava a produção científica na América portuguesa: um misto de livros e práticas de leitura; coletas de campo e profundo conhecimento e uso das plantas e animais locais; aproximação com autoridades ilustradas, treinadas na reformada Universidade de Coimbra e inseridas diretamente nos círculos de aprendizados e sociabilidades do mestre Vandelli; contato com saberes e fazeres dos grupos subalternos, entre outros meandros que ainda continuam a nos provocar com novos questionamentos.

---

<sup>32</sup> Não deixa de ser sintomático que em vários trechos das cartas trocadas com a Academia, Sampaio se incluía (se via) como médico, a exemplo de uma de suas lamúrias em torno das multas deflagradas pelo Protomedicato: “[...] As condenações continuadas pelos Delegados do Protomedicato de Lisboa, principalmente a de 1786 em que todos os Professores desta Vila fomos multados cada um pelo de Medicina em 70\$000, e pelo de cirurgia em 52\$ – tem posto inteiro embaraço dos meus experimentos” (Sampaio 2008, p.13. *Grifó meu*).

<sup>33</sup> Para o contexto da criação do Protomedicato e seu maior recrudescimento na fiscalização e controle das práticas médicas em Portugal, o que incluía o limite das ações terapêuticas dos cirurgiões, conferir Abreu (2013, p. 323 e segs.) e Barreiros (2016)

## Fontes e bibliografia

### Fontes Manuscritas

#### Arquivo Histórico Ultramarino (AHU).

Castro e Almeida. doc. 9719

Castro e Almeida. doc. 10.907

Castro e Almeida. doc. 17.551

#### Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT):

Carta de Cirurgia Francisco Antonio Sampaio. CHR. D. José I, liv. 70, fl. 282V; Maço 469, n. 5, cx 585.

### Fontes Impressas

FERREIRA, L. G. *Erário Mineral... [1735]*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.

MENDES, José Antônio. *Governo dos mineiros mui necessário aos que vivem distantes...* Lisboa: Oficina de Antônio Rodrigues Galhardo, 1770.

SAMPAIO, Francisco. A. de. Cartas à Academia das Ciências de Lisboa. In: A.P. MARTINS. *Eu observo e descrevo de Francisco Antonio de Sampaio*. Rio de Janeiro, Dantes, 2008. 139p.

\_\_\_\_\_. História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil pertencentes à medicina. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 89, 1969. 219p.

SARMENTO, Jacob de C. *Matéria Médica, Physico-histórico-mechanica ...* Londres: Guilherme Stranhan, 1758

### Referências

ABREU, Jean. L. N.. *Nos domínios do Corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011. 220p.

ABREU, Laurinda. *Pina Manique. Um reformador no Portugal das Luzes*. Lisboa: Gradiva Publicações, 2013. 465 p.

ALMEIDA, Carla B. Starling. *Medicina mestiça. Saberes e práticas curativas nas minas setecentistas*. São Paulo: Annablume, 2010.

BARREIROS, Bruno. Concepções do corpo no Portugal do século XVIII. Sensibilidade, higiene e saúde pública. Lisboa: Humus, 2016.

BASHFORD, Alison e TRACY, Sarah W. Introduction: Modern Airs, Waters and Places. *Bulletin History Medicine* (86), 2012. p. 495-514

BIAGIOLI, M. *Galileu, cortesão. A prática da ciência na cultura do Absolutismo*, Porto, Porto Editora, 2006.

BRET, P. “Ils ne forment tous qu’une même république”: Académiciens, amateurs et savants étrangers dans la correspondance des chimistes à la fin Du 18e. siècle. *Dix-Huitième Siècle*, 40, 2008. p. 263-279.

BRIGOLA J.C. *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 614p.

CAIRUS, Henrique. *Textos Hipocráticos. O doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005.

CERQUEIRA, João. B. Da Botânica a Zoologia: as pesquisas e atividades do cirurgião e licenciado Francisco Antônio de Sampaio na Vila de Cachoeira, capitania da Bahia, no século das Luzes. In: Simpósio Nacional de História, XXVIII, Florianópolis, 2015.

\_\_\_\_\_. Francisco Antônio de Sampaio: a História Natural e a Cirurgia na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. In: SILVA, M. E. L. N.; BATISTA, R. S. (org.). *História e Saúde – políticas, assistência, doenças, e instituições na Bahia*. Salvador: EDUNEB, 2018. p. 105-140.

CONCEIÇÃO, G. C. da. Natureza ilustrada: estudos sobre a Filosofia Natural no Brasil ao longo do século XVIII. *História e Ciência: Ciência e Poder na Primeira Idade Global*. Porto, 2016, p. 142-179.

\_\_\_\_\_. Francisco Antônio de Sampaio e sua História Natural da Vila de Cachoeira: circulação, reconfiguração e validação de conhecimento na segunda metade do século XVIII. *Revista de História*. São Paulo (USP), n.177, 2018.p. 1-38.

COSTA, Palmira F da. “Os livros e a ordem do saber médico”. COSTA, Palmira F da e CARDOSO, Adelino (orgs.). *Percursos na História do Livro Médico*. Lisboa: Colibri, 2011, p.13-32.

CUNNINGHAM, Andrew & WILLIAMS, P. (eds.). *The Laboratory revolution in medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

DIAS, Maria Odila da Silva. "Aspectos da ilustração no Brasil" [1968], In *A interiorização da metrópole e outros estudos*, São Paulo, Alameda, 2005.

DOMINGUES, A. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. In: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, 2001. p. 109-129

DRAYTON, Richard Harry. *Nature's government: science, imperial Britain, and the "improvement" of the World*. London: Yale University Press. 2000.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. *A arte de curar. Cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002

FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 231p.

FREITAS, Ricardo C. Os sentidos e as ideias: trajetórias e concepções médicas de Francisco de Mello Franco na Ilustração luso-brasileira. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, 2017. 291p.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Oráculos da geografia iluminista: dom Luís da Cunha e Jean-Baptiste Bourguignon D'Anville na construção da cartografia do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. “Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial”. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Ano XLI. Jul-Dez, 2005.

GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Os Andarilhos do Bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Cias das Letras, 1990.

HANKINS, T. L. *Ciência e Iluminismo*. Porto: Porto Editora, 2002.

HARRISON, Mark. Science and the British Empire. In: *Isis*. n. 96, 2005. p. 56-63.

JORDANOVA, Ludmilla e PORTER, ROY. *Images of the Earth. Essays in the history of the environmental sciences*. Oxford: Alden Press, 1997.

KNOEFF, Rina. “Albrecht von Haller e a prática do Novo Método de Boerhaave”. CARDOSO, Adelino e COSTA, Palmira F. da (org). *Corpo, poesia e afeto em Albrecht von Haller*. Lisboa: Colibri, 2010. p. 45-56.

KURY, Lorelai. O naturalista Veloso. *Revista de História (USP)*, v. 172, 2015. p. 243-277.

\_\_\_\_\_. *O império dos miasmas: a Academia Imperial de Medicina (1830-1850)*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói. 1990.

\_\_\_\_\_. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). In: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 109-129, 2004.

\_\_\_\_\_. Entre utopia e pragmatismo: a história natural no Iluminismo tardio. SOARES, Luís Carlos. (Org.). *Da Revolução Científica à Big-business Science*: 5 ensaios de história das ciências e da tecnologia. Rio de Janeiro/São Paulo: Eduff/Hucitec, 2001.

\_\_\_\_\_. e NOGUEIRA, André. Francisco Antônio de Sampaio: de cirurgião a homem de ciências (Vila de Cachoeira, Bahia, c. 1780). *História Unisinos. São Leopoldo*, n. 22 (4), 2018. p. 515-525.

LEITE, Bruno M B. *Verdes que em nosso tempo se mostrou*. Das boticas jesuíticas da província do Brasil. Séculos XVII e XVIII. (n: KURY, Lorelai (et all). *Usos e circulação das plantas no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2013

MANDRESSI, Rafael. “Dissecações e anatomia”. CORBIN, Alain *et all. História do Corpo Vol.1*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 411-440.

MARQUES, Manuel. S. “A pedra parideira e a panaceia universal: Robert Boyle e a constituição da ciência instrumental”, *Kairós, Revista de Filosofia e Ciência*, 5, 2012. 91-139. Disponível em: <http://kairós.fc.ul.pt/nr%205/A%20pedra%20parideira%20e%20a%20panaceia%20universal.pdf>. Acessado em 08 de abril de 2018.

\_\_\_\_\_. Malhas que o corpo tece: excuro da medicina de José Pinto de Azeredo. AZEREDO, José Pinto de. *Ensaio sobre algumas enfermidades de Angola [1799]*. Lisboa: Colibri, 2013. p. 189-212. p. 213-261.

MARQUES, Vera. R. B. “Instruir para fazer a ciência e a medicina chegar ao povo no Setecentos, *Varia História*, 32, 2004. 37-47.

MOSSÉ, Claude. “As lições de Hipócrates”. In: Le Goff, Jacques. *As doenças têm história*. Lisboa, Editora Terramar, 1995.

NICKELSEN, K. (2006). Draughtsmen, Botanists and Nature: The construction of Eighteenth-Century Botanical Illustrations. Dordrecht: Springer. 295p.

NOGUEIRA, André. “Universos coloniais e 'enfermidades dos negros' pelos cirurgiões régios Dazille e Vieira de Carvalho”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. 19 (1), 2012. p. 179-196.

\_\_\_\_\_. Entre Cirurgiões, Tambores e Ervas: calunduzeiros e curadores ilegais em ação nas Minas Gerais (século XVIII). Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2016.

NUTTON, Vivian. “Humoralism”. BYNUN, William F.; PORTER, Roy (eds.). *Companion encyclopedia of the History of Medicine*. Londres: Routledge, 1997. p. 281-291.

OSBOURNE, Michael. Acclimatizing the world: a history of the paradigmatic Colonial Science. In: *Osiris*, vol.15, 2000.

PATACA, Ermelinda, “Terra, Água e Ar nas viagens científicas portuguesas (1755-1808)”. Campinas, Tese apresentada ao Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, 2006. 698p.

PEREIRA, Magnus. “Plantas novas que os doutos não conhecem”: a exploração científica da natureza no Oriente português, 1768-1808. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.24, n.3, jul.-set. 2017, p.665-685.

PICKSTONE, J (2001). V. *Ways of knowing*. A new history of science, technology and medicine. Chicago: University Of Chicago Press, 2001. 271p.

PINTO, Hélio. A matéria médica de Jacob de Castro Sarmento. COSTA, Palmira F da e CARDOSO, Adelino (orgs.). *Percursos na História do Livro Médico*. Lisboa: Colibri, 2011, p.165-186.

PORTER, Roy. *The greatest benefit to mankind. A medical history of humanity*. Nova Iorque: WW. Norton \$ Company, 1999. 872p.

\_\_\_\_\_. *Das tripas coração*. Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. e VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doenças. In: CORBIN, Alain *et all. História do Corpo Vol.1*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 441-486.

RAJ, Kapil. *Relocating Modern Science. Circulation and the Construction of Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. Houndmills/New York, Palgrave MacMillan, 2010.

\_\_\_\_\_. Beyond postcolonialism... and postpositivism: circulation and the global history of science. *Isis*, vol. 104, n. 2, junho 2013, p. 337–347. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1086/670951>. Acesso em: 12 de dezembro de 2017.

RAMINELLI, Ronald. *Viagens Ultramarinas. Monarcas, vassallos e governo à distância*. São Paulo: Editora Alameda, 2008.

RIBEIRO, Márcia. M. *A ciência dos trópicos. A arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: HUCITEC, 1997. 150p.

RUSSO, Marisa. “Irritabilidade e sensibilidade halleriana: primórdios de uma fisiologia experimental”.

CARDOSO, Adelino e COSTA, Palmira F. da (org). *Corpo, poesia e afeto em Albrecht von Haller*. Lisboa: Colibri, 2010. p. 27-43.

SCHAFFER, Simon. Late Enlightenment Crises of Facts: Mesmerism and Meteorites. *Configurations*, Volume 26, Number 2, 2018, p. 119-148.

SCHIEBINGER, Londa. Why Mammals are Called Mammals: Gender Politics in Eighteenth-Century Natural History. *The American Historical Review*, Vol. 98, No. 2, 1993, p. 382-411.

S

HAPIN, Steven. *Nunca Pura*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

VIOTTI, Ana C. de C. *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)*. São Paulo, Alameda, 2017.

WALKER T.D. *Médicos, medicina popular e Inquisição. A repressão das curas mágicas em Portugal durante o Iluminismo*. Rio de Janeiro/Lisboa, Editora Fiocruz/Imprensa de Ciências Sociais, 2013. 423 p.

\_\_\_\_\_. Global cross-cultural dissemination of Indigenous medical practices through the Portuguese colonial system: evidence from sixteenth to eighteenth-century ethno-botanical manuscripts. In: WENDT, Helge (ed.). *The globalization of knowledge in the Iberian colonial world*. Berlim: Max Planck Research Library for the History and Development of Knowledge, 2016, p. 161-192. Disponível em: <http://edition-open-access.de/proceedings/10/8/index.html>.

WEINER, Doara B. e SAUTER, Michael J. “The city of Paris and the rise of clinical medicine”, *Osiris*, 18, 2003, 23-42.

WINNSENBACH, Maria Cristina. Cirurgiões e mercadores nas dinâmicas do comércio atlântico de escravos (séculos XVIII e XIX). In: Souza, Laura de Mello e et al (Orgs.). *O governo dos povos*. São Paulo: Alameda, 2009.